



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Unidade de Educação a Distância - UEaD/UFPB
Centro de Ciências Aplicadas e Educação
Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa à distância



**REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DE FONÉTICA PARA
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO**

GLEISIEL DA SILVA ARAÚJO

MAMANGUAPE - PB

2021

GLEISIEL DA SILVA ARAÚJO

**REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DE FONÉTICA PARA
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Orientador/Presidente



Prof^ª. Dr^ª. Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof^ª. M^a. Sandra Carla Pereira Barbosa – PMCG
Membro da Banca Examinadora

MAMANGUAPE - PB

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Unidade de Educação a Distância - UEaD/UFPB
Centro de Ciências Aplicadas e Educação
Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa à distância



REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DE FONÉTICA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO

GLEISIEL DA SILVA ARAÚJO

Profa. Dr^a. Sandra Maria Araújo Dias – sandra@ccae.ufpb.br (Orientadora)

Profa. Dr^a. Juliene Paiva de Araújo Osias – julieneosias@gmail.com (Examinadora)

Profa. M^a. Sandra Carla Pereira Barbosa – sandracpb@gmail.com (Examinadora)

RESUMO

A pronúncia em língua inglesa tem sido um aspecto do ensino desse idioma que é desconsiderado por muito tempo nas aulas no cenário Brasil. Diante desta realidade, esta pesquisa teve como objetivo analisar o papel do ensino de fonética da língua inglesa para estudantes brasileiros do ensino médio de uma escola pública. Esta pesquisa teve como base os trabalhos de Souza (2009), Silva Junior (2015), Yoshida (2014), Lamprecht e Fragozo (2009), dentre outros. Este estudo é uma pesquisa descritiva, de caráter qualitativo. Para isso, traçamos um histórico do ensino de pronúncia do século passado ao presente, as dificuldades linguísticas para o aluno brasileiro aprendendo inglês no Brasil, em escola pública e o papel do ensino de pronúncia como um componente essencial no processo de aprendizado da língua. Quanto ao instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário que buscou determinar o interesse dos alunos em pronúncia, suas impressões sobre o ensino de pronúncia na escola e seus sentimentos em relação à sua própria pronúncia. Foi possível verificar, após a análise dos dados, que os alunos compreendem o ensino de pronúncia como necessário neste nível de ensino e, portanto, buscam outros modelos de pronúncia além do professor.

Palavras-chave: Ensino. Pronúncia. Inglês.

ABSTRACT

Pronunciation in English language has been an aspect of teaching this language that is neglected for a long time in classes in the Brazilian scenario. Given this reality, this research aimed to analyze the role of teaching English phonetics to Brazilian students in high school in a public school. This research was based on the work of Souza (2009), Silva Junior (2015), Yoshida (2014), Lamprecht and Fragozo (2009), among others. This study is a descriptive research of qualitative nature. For this, we traced a history of teaching pronunciation from the last century to the present, the linguistic difficulties for the Brazilian student learning English in Brazil, in public schools and the role of teaching pronunciation as an essential component in the language learning process. As for the data collection instrument, we used a questionnaire that sought to determine the students' interest in pronunciation, their impressions about teaching pronunciation at school and their feelings about their own pronunciation. It was possible to verify, after analyzing the data, that students understand the teaching of pronunciation as necessary at this level of education and, therefore, they seek for other pronunciation models in addition to the teacher.

Key-words: Teaching. Pronunciation. English.

INTRODUÇÃO

Sabemos que o ensino de língua inglesa é difundido em todo o mundo e que em qualquer idioma, o aprendizado ideal envolve as quatro habilidades linguísticas, a saber: ouvir, falar, ler e escrever.

No Brasil, culturalmente, muitos alunos têm receio de falar inglês em público; de permitirem outros ouvirem a sua pronúncia, principalmente pelo receio de ter muito sotaque e de serem ridicularizados por seus colegas. De fato, a preocupação excessiva com sotaque não é apropriada. Não é razoável esperar que alguém que aprenda um idioma estrangeiro quando adulto tenha uma pronúncia idêntica a um falante nativo. Além do mais, um sotaque estrangeiro pode ser visto como algo bom, até interessante, indicando que alguém é um visitante e tem outra cultura. No entanto, a questão da pronúncia é importante.

Pelo exposto, alguns pesquisadores acreditam que o ensino de pronúncia seja irrelevante, até mesmo proibitivo na educação básica. Esses profissionais entendem que o usuário da língua *tem* que falar com sotaque estrangeiro, não deve fazer qualquer esforço para soar como os nativos. Deve pronunciar as palavras como ouve, como entende, e repeti-las. Nesse sentido, alguns professores defendem o ato comunicativo, conforme destaca Paula (2010) e discordam do ensino de pronúncia: “um número de professores de Inglês como LE acreditam que o ensino da pronúncia seja uma prática ultrapassada e conservadora, dando mais importância ao ato de comunicar em si”. (PAULA, 2010, p. 155).

Um estudo recente do British Council (2015) revelou que nas escolas públicas brasileiras a ênfase quase sempre é na gramática da língua ao invés do seu aspecto comunicativo, com muita pouca ênfase na habilidade de ouvir e de falar:

“[O ensino de] línguas estrangeiras na escola mediana tem sido quase que inteiramente baseado no estudo de fórmulas gramaticais; a memorização de regras e uma ênfase na língua escrita dá aos estudantes pouco contexto para uma aplicação prática da língua”.¹ (BRITISH COUNCIL, 2015, p.11)

Muitas vezes, não se estuda pronúncia de forma estruturada, como por exemplo o estudo de fonemas, símbolos fonéticos e variações de fonemas na fala contínua (*connected speech*), conforme destacam Júnior e Silva (2015):

Soma-se ainda, as aulas focadas (única e exclusivamente) nos aspectos gramaticais da língua, ao passo que, os aspectos fonéticos e fonológicos muitas vezes são desprezados, os alunos se mostram desinteressados, dentre outros fatores que compõe essa problemática desafiadora. (SILVA; DIAS JUNIOR, 2015, p.2)

De acordo com Junior (2015), “a produção oral da língua aparece como um dos principais obstáculos encontrados por falantes do inglês como L2 devido às diferenças encontradas entre o sistema fonológico da L2 e os do português brasileiro” e

na maioria dos casos os estudantes não têm consciência de que os sons entre uma língua e outra se diferenciam. Mascherpe (1970) já apontava que – no início da aquisição – o estudante ouvirá apenas os fonemas semelhantes aos de sua L1 e de maneira natural ele os transfere para L2 no momento da produção oral”. (SILVA JÚNIOR, 2015, p.35)

Sendo assim, é necessário que os estudantes sejam expostos a um estudo pelo menos introdutório dos fonemas de língua inglesa para que entendam que há diferenças na articulação e produção de fonemas semelhantes aos da língua portuguesa, bem como há fonemas diferentes na língua inglesa, alguns dos quais não existem na nossa língua. Dessa forma, a transferência de fonemas de uma língua para outra, que poderiam prejudicar a pronúncia do aluno, poderia ser minimizada ou evitada. Portanto, uma exposição prévia a um estudo dos diferentes fonemas da língua inglesa e dos símbolos

¹ Tradução minha.

fonéticos do IPA (International Phonetic Alphabet) seria relevante para estudantes de língua inglesa no ensino médio.

O ensino da pronúncia em língua inglesa é muito importante, pois se o aluno não aprende a pronunciar de forma inteligível palavras ou frases em inglês, ele pode não ser compreendido ao falar com outros usuários dessa língua. Além disso, o aluno que não conhece o sistema fônico da língua inglesa terá mais dificuldade em compreender o que ele ouve em exercícios nas aulas, em filmes, músicas e outras situações, podendo até confundir-se. O estudo da pronúncia como um conteúdo separado das aulas de conversação em língua inglesa, sendo reforçado nessas aulas, vai facilitar o caminho para que os estudantes possam desenvolver suas habilidades orais (ouvir e falar) por meio do reconhecimento de símbolos fonéticos.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar o papel do ensino de fonética da língua inglesa para estudantes brasileiros do ensino médio de uma escola pública. Para isso, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever os métodos de ensino de língua estrangeira, relacionando-os com o ensino de pronúncia;
- Discutir sobre o papel do ensino de pronúncia como auxiliar no processo de aprendizagem de língua inglesa;
- Apontar as dificuldades de pronúncia na aprendizagem de língua inglesa para brasileiros

Para alcançar esses objetivos, este trabalho está organizado nas seguintes seções, intituladas de: i) referencial teórico; ii) metodologia; iii) análise dos dados e discussão dos resultados; iv) considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo de fonética tem um papel relevante no estudo da língua inglesa. Esse estudo leva os estudantes a compreender melhor o que é falado por nativos e também os ajuda a ter uma pronúncia mais clara. Muitos alunos sentem essas dificuldades, porque a língua inglesa diverge da língua portuguesa na sua fonologia e ortografia; em muitos casos, a ortografia da língua inglesa correspondendo praticamente em nada à sua pronúncia. A depender da região geográfica (BRASIL, 1998), a língua inglesa configura-

se como a língua estrangeira que o aluno brasileiro poderá estudar, por força da obrigatoriedade do ensino nas escolas. O estudante, portanto, se vê diante de um mundo totalmente desconhecido e estranho de sons aos quais ele não é acostumado a ouvir. Diante do exposto, compreendemos a necessidade e importância do estudo de pronúncia nas aulas de língua inglesa.

Para melhor compreender o papel do ensino de fonética da língua inglesa para estudantes brasileiros, apresentaremos, a seguir, o contexto histórico do ensino de fonética da língua inglesa.

Panorama sobre o ensino de pronúncia da língua inglesa no processo de aprendizagem

De acordo com Souza (2009), “a pronúncia começou a ser estudada sistematicamente apenas no início do século XX, sendo por isso um campo muito menos conhecido entre os professores de língua do que a gramática e o vocabulário” (SOUZA, 2009, p.34). Portanto, só podemos realmente discutir a história do ensino de pronúncia a partir do início do século XX.

O que definitivamente foi um grande avanço no estudo de pronúncia e um grande marco neste sentido, foi a criação do Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet – IPA*), primeiramente publicado em 1888 pela Associação Fonética Internacional (Britannica, 2021). Para Lamprecht e Fragozo (2009), depois da criação do IPA, “o ensino de pronúncia passou a ocupar um espaço maior no ensino de línguas, inspirando, anos mais tarde, o surgimento do Método Audiolingual (Audiolingual Method)” (LAMPRECHT; FRAGOZO, 2009, p.53).

Souza (2009) apud Celce-Murcia (1996) faz um breve resumo do ensino de pronúncia a partir dos muitos métodos que se desenvolveram a partir do século XX. No início do século, o método Gramática-Tradução era bastante usado no ensino de línguas. Nesse método, a pronúncia era praticamente irrelevante. Neste mesmo período, surgiu o Método Direto (início dos anos 1900) e nele a pronúncia era ensinada por meio da intuição e imitação. Em seguida, vieram os *métodos naturalísticos*, onde se abordava a pronúncia inicialmente através da compreensão oral (*listening*). Não se permitia que houvesse produção oral no estágio inicial, pois era necessário primeiramente “internalizar o sistema fonético da língua-alvo e mais tarde, ao falar, sua pronúncia estaria boa” (SOUZA, 2009, p.35). Nos *métodos naturalísticos*, não se dava instrução explícita de pronúncia.

O método *audiolingual* surgiu entre os anos 1940 e 1950 e prevaleceu entre os anos 1950 e 1960 (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009; MEI, 2018). Nesse método, a pronúncia “tinha grande importância e era ensinada explicitamente desde o começo, através de imitação e repetição, mas nestes casos o professor fazia uso de informações fonéticas” (SOUZA, 2009, p.35). Ainda segundo Souza, no método audiolingual informações fonéticas eram usadas, como por exemplo, “transcrições ou quadros que demonstravam a articulação dos sons” (SOUZA, 2009, p.35). Neste método, a pronúncia correta era o objetivo central e a pronúncia era ensinada “desde os níveis mais básicos” (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009).

A partir dos anos 1960, a pronúncia novamente perdeu importância no ensino de línguas. Isso se deu porque nessa década surgiu a Abordagem Cognitiva, influenciada por Chomsky e sua gramática gerativa-transformacional, o que levou a uma ênfase na gramática e no vocabulário. Na Abordagem Cognitiva, a pronúncia nem era ensinada, visto que, para os cognitivistas, uma pronúncia nativa era “um objetivo irreal e não podia ser alcançado” (SOUZA, 2009, p. 35). Portanto, na Abordagem Cognitiva o ensino de pronúncia voltou ao patamar que tinha no método Gramática-Tradução, do início dos anos 1900, ou seja, a irrelevância. Acabamos regredindo mais de 70 anos nesse aspecto, visto que em 1888 tinha sido publicado o IPA e a Associação Internacional de Fonética, que o havia desenvolvido, defendia que a “forma falada de uma língua deveria ser ensinada primeiramente e que a fonética deveria ser aplicada ao ensino de línguas” (SOUZA, 2009, p.35). Yoshida (2014) sugere que o ensino de pronúncia, ao longo do tempo, nos diversos métodos e abordagens do ensino de línguas, foi como um pêndulo, hora foi num extremo, hora em outro.

Novamente nos 1970, a pronúncia voltou a ter importância. Porém, não como no método audiolingual em que a pronúncia era ensinada de forma sistemática e explícita. No Método Silencioso, surgido na década de 1970, a pronúncia era ensinada de forma implícita, ou seja, “sem o auxílio do IPA ou qualquer outro tipo de instrução explícita” (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009, p. 54).

Nos anos 1980 surgiu a Abordagem Comunicativa, com sua ênfase na comunicação, como o próprio nome sugere. De acordo com Lamprecht e Fragozo, “esta abordagem tem como foco o uso funcional e autêntico da língua, e não a repetição de frases ensaiadas como no Método Audiolingual” (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009, p. 54). Como o foco deste método é a comunicação, a pronúncia tem importância, pois com

uma pronúncia ininteligível a comunicação é prejudicada. No entanto, não se busca uma pronúncia igual a dos nativos, pois tal objetivo é considerado irrealístico.

Outro aspecto Abordagem Comunicativa em relação ao ensino de pronúncia é a ênfase no nível supra-segmental ao invés do nível segmental, que era enfatizado no Método Audiolingual. O nível supra-segmental diz respeito à acentuação, entonação e ritmo, ao passo que o nível segmental de pronúncia envolve, por exemplo, os fonemas e alofones (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009). Acredita-se que o principal responsável pela inteligibilidade de falantes não nativos de língua inglesa seja o nível supra-segmental (LAMPRECHT E FRAGOZO; SOUZA, 2009).

O quadro a seguir sintetiza os métodos de ensino de línguas estrangeiras, desde o início do século XX até a atualidade, demonstrando o papel da pronúncia em cada método.

Quadro 01- Métodos de ensino de língua estrangeira

PERÍODO	MÉTODO	ENSINO DE PRONÚNCIA
Antes de 1900	Gramática-tradução	Não era ensinada
1900	Método Direto	Imitação e intuição. Sem instrução fonética.
-	Métodos naturalísticos	Foco no <i>listening</i> . Sem instrução fonética.
1950 – 1960	Audiolingual	Ampla instrução fonética com o IPA e quadros que mostravam a articulação dos fonemas. O objetivo era falar como um nativo.
1960	Abordagem Cognitiva	Não era ensinada.
1970	Método Silencioso	Ensinada sem instrução fonética, apenas através de imitação e repetição.
1980 – presente	Abordagem Comunicativa	Ensinada com instrução fonética, como o IPA, contudo com ênfase na inteligibilidade

		e não em falar como um nativo.
--	--	--------------------------------

Fonte: Elaboração própria

O ensino de pronúncia, ao longo do século XX e no início deste século XI, foi enfatizado ou ignorado, dependendo do método de ensino em questão, como pudemos observar nesta seção. Ainda hoje, a necessidade ou relevância do ensino de pronúncia ainda é questionado. Vejamos, na próxima seção, o motivo para que tal ensino seja considerado necessário e relevante no ensino de língua estrangeira, no caso deste estudo, a língua inglesa.

A relevância do ensino de fonética da língua inglesa como auxiliar no processo de aprendizagem de língua inglesa

O inglês é uma língua estrangeira moderna, falada em países importantes no cenário econômico e político mundial, como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, por exemplo. Além disso, a língua inglesa é usada como língua franca em todo o mundo. O ensino de inglês como língua estrangeira é obrigatório nas escolas públicas em todo o Brasil. Na cultura popular, músicas e filmes internacionais, em inglês, fazem parte do dia a dia, pelo menos em alguma medida, da grande maioria dos brasileiros. Sendo assim, não faz sentido ensinarmos inglês sem darmos atenção à pronúncia correta desse idioma, uma vez que sem uma pronúncia correta, nossos alunos nem conseguirão entender o que ouvem nem conseguirão se comunicar de forma eficaz nessa língua tão importante para os nossos dias. Seria o mesmo que não ensinar determinado aspecto do idioma, pois uma língua se constitui não apenas de vocabulário e estrutura, mas também de pronúncia (SOUZA, 2009).

A mera repetição da pronúncia que se ouve nas aulas de inglês gera vários desvios (i.e, pronúncias “erradas”) linguísticos, mesmo que o professor seja um falante nativo, por causa da transferência fonológica que ocorre naturalmente ao aprendermos um novo idioma. A transferência fonológica afeta até mesmo a maneira como ouvimos e percebemos sons em outros idiomas. Nós os ouvimos como se fossem sons do nosso próprio idioma, quando na realidade, são sons diferentes (YOSHIDA, 2014; SOUZA, 2009). Por exemplo, ao ouvirmos pela primeira vez palavras em inglês que começam com TH, como *thank, think, thought*, etc, a nossa tendência natural é ouvir um /f/, ao invés de

um /θ/. Da mesma maneira, ao ouvirmos palavras como *there, this, those*, nossa tendência é ouvirmos um /v/ ou /d/, ao invés de /ð/. Ou seja, nesses exemplos, nossa percepção é equivocada. Portanto, a mera repetição de palavras, sem uma instrução acerca dos fonemas, dos sons e da articulação não ajuda o aluno a corrigir suas percepções equivocadas nem o faz consciente de que há novos sons que ele deverá aprender. Essa instrução sobre pronúncia é necessária para ativar no aluno uma “consciência fonética”, que o fará perceber os diferentes sons da língua inglesa e sua articulação (SOUZA, 2009).

Os campos científicos que tratam dos sons da língua, sua articulação e produção são a fonética e fonologia. Esses dois campos se complementam. A fonética trata dos diferentes fonemas da língua e da sua articulação, como são produzidos pelo aparelho fonador. Já a fonologia trata de outros elementos, chamados elementos suprasegmentais, que tem a ver com entonação, ritmo e acentuação (LAMPRECHT E FRAGOZO, 2009). É necessário dar aos alunos uma noção dos aspectos fonético-fonológicos da língua inglesa para que eles possam tanto perceber quanto refletir sobre sua pronúncia e daí possam tanto compreender o *input* oral, como falar de forma mais inteligível para outros falantes, sejam nativos ou não nativos.

Um recurso muito útil no ensino dos aspectos fonético-fonológicos da pronúncia de língua inglesa é o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), como já mencionado anteriormente. Com a ajuda desse recurso, é possível mostrar aos alunos que a língua inglesa possui sons (fonemas) diferentes dos da língua portuguesa e que a sua articulação é também diferente da maneira como articulamos os fonemas na nossa língua mãe, como por exemplo o fonema /r/, um R rótico, que não possuímos na nossa língua no início de palavra, assim como sons de vogal também não presentes em português, como /æ/. O estudo do IPA vai fazer o aluno ficar mais atento quanto a fonemas distintos ao ouvir o inglês falado, bem como fazê-lo refletir sobre sua própria pronúncia, se esta é inteligível para outros falantes de língua inglesa. O estudo dos símbolos fonéticos do IPA pode realmente levar o aluno a uma boa pronúncia, conforma explicita Santos (2009):

Somando a isto, Godoy; Gontow; Marcelino (2006, p. 08) afirmam que o caminho para que o estudante iniciante seja conduzido a uma boa pronúncia é o estudo dos símbolos fonéticos, tendo em vista que eles demonstram a diferença entre os sons e as letras. (SANTOS, 2009, p. 17).

Acreditamos que seria mais pertinente focar nos aspectos fonéticos da língua inglesa que são mais complexos para o falante do português brasileiro. Através de uma

abordagem contrastiva, mostrando as semelhanças e diferenças fonéticas entre os dois idiomas, é possível promover, no aluno, o aperfeiçoamento e/ou desenvolvimento de uma consciência de que há fonemas diferentes que ele deverá aprender ou ficar atento para ouvir as diferenças, e, conseqüentemente, também articulá-los melhor para evitar a ininteligibilidade, conforme explica Ramos (2014). O mesmo autor adverte que para poder ajudar os alunos a serem inteligíveis na sua fala, o professor precisa ter “conhecimento funcional da fonética e da fonologia do inglês, mas, principalmente, igual ou mais informações relacionadas às características fonéticas e fonológicas do português falado pelo seu público-alvo” (RAMOS, 2014, p.10)

No entanto, existe até mesmo o preconceito, entre alguns professores, de que se esforçar a falar semelhante a um falante nativo seria uma “supervalorização da língua e cultura estrangeira em detrimento da identidade nacional do aprendiz da LE” (PAULA, 2010, p. 04). Tal argumento, baseado num sentimento nacionalista, é raso. O que se busca ao estudar pronúncia não é “valorizar” uma língua e cultura estrangeiras, mas sim uma comunicação mais efetiva no idioma alvo, ser bem entendido e entender outros.

Além desse preconceito, o que tem se percebido é despreparo de muitos dos professores de língua inglesa para ensinar aspectos fonético-fonológicos deste idioma, pois muitos deles, especialmente os de escola pública, não têm domínio do idioma que ensinam, não conseguem se comunicar nele, e muito menos conseguem ensinar pronúncia, pois eles mesmos se sentem inseguros em relação à sua própria pronúncia (ALBINI e KLUGE, 2011, p.2). Essa deficiência já vem desde a sua formação no Ensino Fundamental e Médio, pois tiveram professores que também não dominavam a pronúncia e acabaram recebendo *input* deficiente, ou seja, uma pronúncia cheia de desvios e pouca inteligibilidade, e chegam à faculdade de Letras com uma pronúncia de difícil compreensão, com muitos desvios (“erros”). (BRASIL ESCOLA, 2021)

Contudo, se quisermos que nossos alunos sejam bem sucedidos em se comunicar em língua inglesa, sem grandes dificuldades, de forma que sejam capazes de entender bem outros e serem bem entendidos, precisamos ensinar fonética de língua inglesa em sala de aula. Como vimos, devido à transferência fonológica, teremos primeiramente o problema da *percepção* dos fonemas que são diferentes da nossa língua mãe. Os aprendizes os confundem com fonemas da sua língua mãe, e isso pode causar confusão na comunicação, pois irão pronunciar as palavras de forma diferente do padrão, muitas vezes de forma irreconhecível para o falante da língua estrangeira estudada. Temos que ensinar aos nossos alunos noções de fonética e fonologia da língua inglesa, com recursos

como o IPA, que os ajudará a criarem uma consciência fonológica sobre os fonemas diferentes e sua articulação, bem como dos “erros” comuns dos brasileiros, através de um abordagem contrastiva, que aponta as diferenças e semelhanças fonéticas entre os dois idiomas, português brasileiro e inglês.

O ensino de pronúncia tem resistência no Brasil, devido ao despreparo de muitos professores (BRASIL ESCOLA, 2011) para ensinar esse tópico, especialmente professores de escolas públicas. Analisemos melhor agora as principais dificuldades em pronúncia dos nossos alunos brasileiros, especialmente os da rede pública de ensino.

Dificuldades de pronúncia na aprendizagem de língua inglesa para brasileiros

Aprender a pronúncia de uma língua estrangeira não é uma tarefa simples e neutra, é uma tarefa complexa que por vezes é problemática para certos aprendizes e que “depende, entre outros fatores, das características individuais de cada aprendiz ..., assim como do contexto no qual o mesmo está inserido” (TREVISOL, 2014, p.81). Para os estudantes brasileiros de língua inglesa, existem algumas dificuldades específicas, seja devido à interferência da nossa língua mãe, a língua portuguesa, no aprendizado da língua inglesa, ou devido a outros problemas, como falta de preparo dos professores para o ensino de pronúncia.

Ao começar a estudar a língua inglesa pela primeira vez, como é o caso dos nossos alunos de Ensino Fundamental da 6ª série, os alunos se deparam com “um novo domínio sintático, semântico, lexical e fonológico” (SOUZA, 2009, p.34). É o primeiro contato deles com os sons de uma língua estrangeira. Segundo Yoshida, quando aprendizes de um novo idioma ouvem sons diferentes do seu idioma nativo, eles tendem a ouvir esses novos sons “em termos de categorias da sua língua original”, ou seja, não percebem sons diferentes dos da sua língua materna. A tendência é ouvir novos sons como se fossem sons da sua língua nativa. (YOSHIDA, 2014, p.11). O nosso próprio cérebro interpreta sons diferentes como se fossem o mesmo som, quando, na realidade, são sons distintos para os falantes nativos (YOSHIDA, 2014). Portanto, a primeira dificuldade que o aluno vai encontrar é reconhecer os sons distintos da língua inglesa, por causa da interferência da língua portuguesa no aprendizado da nova língua.

Outra dificuldade de pronúncia que estudantes brasileiros enfrentam ao aprender inglês é a *articulação* de sons diferentes da língua portuguesa. Podemos afirmar que pronunciar também é uma atividade física, pois envolve movimentos do nosso aparelho

fonador e dos músculos envolvidos que fazem parte dele. Na aprendizagem de um novo idioma, muitas vezes é necessário exercitar nossos músculos do aparelho fonador de uma forma que talvez não fizéssemos na nossa língua nativa. De fato, somos até mesmo fisicamente automatizados para nossa língua mãe de modo que, para aprendermos a língua inglesa, temos que articular novos sons e nos adaptar a eles e isso exige esforço (SANTOS, 2009).

A ortografia da língua inglesa também se torna um problema para os estudantes brasileiros. A ortografia da língua inglesa é muito opaca, ou seja, ela corresponde pouco à forma falada que a representa, o que causa muita confusão e estranhamento aos alunos de língua inglesa, pois a ortografia que eles conhecem é da língua portuguesa, que é transparente, ou seja, a forma escrita corresponde bem à forma falada (SILVA JUNIOR, 2017). A ortografia da língua portuguesa pode interferir também na maneira como aprendizes da língua inglesa *ouvem* os sons dessa língua estrangeira. Baseados na informação visual escrita, eles podem até mesmo ser induzidos a ouvir fonemas diferentes como se fossem os mesmos fonemas da língua portuguesa, sendo que os falantes nativos os diferenciam (SOUZA, 2009). Sendo assim, os estudantes podem começar a reproduzir formas “erradas” de pronúncia com base na ortografia da língua inglesa. De acordo com Oliveira (2015),

o letramento cria associações permanentes entre ortografia e fonologia, o que desenvolve uma rota única para o processamento de fala e de leitura. Consequentemente, ao ouvir uma palavra, o indivíduo automaticamente ativará sua ortografia. [...] A oferta de insumo ortográfico pode evocar uma representação fonológica mental **que não condiz necessariamente** com o que é ouvido, principalmente no caso de um aprendiz de LE que não está ainda completamente familiarizado com as equivalências grafo-fonológicas da língua-alvo. O insumo ortográfico pode criar ainda mais **nebulosidade na percepção**, caso exista diferença de profundidade entre a ortografia de sua língua nativa e da língua-alvo (OLIVEIRA, 2015, p. 36, 37, grifos meus).

Em sua pesquisa, Paula (2010) revelou que uma das maiores dificuldades de alunos de um curso de inglês era justamente a compreensão oral. Perguntados sobre “O que você considera mais difícil na aprendizagem do Inglês?”, 64% dos alunos responderam “compreensão auditiva”, mostrando assim que era difícil para eles compreender fonemas e outros aspectos fonético-fonológicos da língua inglesa. Ao justificar sua resposta, muitos alunos responderam “Por ser muito diferente a escrita da pronúncia” e coisas como “Compreensão auditiva: as frases são mencionadas rápido e as palavras são parecidas em relação à pronúncia e eu não consigo captá-las no devido

tempo...” Notamos, assim, que as dificuldades tem a ver com questões fonético-fonológicas e da ortografia opaca da língua inglesa.

Ainda outra dificuldade que estudantes brasileiros de língua inglesa como língua estrangeira, no Brasil, é a dificuldade que muitos professores têm com a questão da pronúncia. De acordo com Albini e Kluge (2011),

De maneira geral, o ensino de pronúncia nas escolas públicas brasileiras tem sido bastante negligenciado (PISKE, 2007; MOREIRA, 2001). Muitos professores não gostam e/ou não estudam o assunto por não terem tido a formação necessária ou por não se sentirem seguros, preferindo omitir esta parte do ensino. (ALBINI e KLUGE, 2011, p.2).

A falta de preparo de muitos professores, sua falta de familiaridade com o assunto da pronúncia, sua insegurança até mesmo com relação à sua própria pronúncia, faz com que eles não trabalhem o assunto em suas aulas. De maneira que o aluno fica sem orientação do professor e sua tendência é desenvolver uma pronúncia com vários desvios.

METODOLOGIA

Para explorar melhor as hipóteses levantadas na pesquisa foram também feito um estudo de campo. De acordo com Gil (2002), o estudo de campo “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, estudo... a pesquisa é desenvolvida por meio da observação... e de entrevistas”. O nosso estudo de campo foi realizado com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Severino Gregório Dantas, localizada, no interior da Paraíba. A natureza também apresenta um caráter bibliográfico, pois nossa principal fonte de pesquisa foram livros e artigos científicos publicados sobre o tema da pesquisa. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

A sede da escola fica localizada no distrito de Santa Luzia, distante cerca de 12 km da cidade de Picuí, no interior da Paraíba. Trata-se de uma escola de pequeno porte, com apenas 6 turmas de Ensino Médio regular, funcionando no turno noturno. Três turmas funcionam na sede da escola no distrito de Santa Luzia, e as outras três funcionam em outra escola, em outro distrito, que funciona como anexo. O anexo se localiza no distrito de Serra dos Brandões, no interior da Paraíba. A sede da escola dispõe de 3 salas de aula, uma sala de diretor/professores, uma cozinha, banheiros e um laboratório de

informática. A escola anexo possui 8 salas de aula, uma sala de vídeo, uma biblioteca, uma cozinha, banheiros e uma diretoria. A escola anexo é uma escola municipal que é cedida para uso do Estado, funcionando no mesmo período (noturno), o EJA (do município) e Ensino Médio regular (do Estado). A escola, contando com o anexo, tem 7 docentes das disciplinas do Ensino Médio, uma diretora e dois funcionários de apoio. No período da pandemia de Covid-19, as aulas foram sendo ministradas à distância, principalmente através do aplicativo *Google Meet* e de chamadas de vídeo.

As turmas pesquisadas foram duas turmas do 1º ano do Ensino Médio, da sede da escola e do seu anexo. As turmas consistem em alunos na faixa etária mediana entre 15 e 16 anos, todos oriundos de escolas públicas da região. Há algumas exceções, com alunos oriundos do EJA, e, portanto, mais velhos. Boa parte desses alunos mora fora dos distritos, em sítios próximos. Alguns desses alunos trabalham durante o dia, são casados e têm filhos. Essas turmas são unificadas durante as aulas ao vivo usando o aplicativo de videochamada *Meet*. O número de alunos matriculados em ambas as turmas totaliza 65. No entanto, a adesão às aulas ao encontro síncrono foi muito baixo, principalmente devido a dificuldades técnicas que a maioria dos alunos tem, pois muitos moram em áreas mais afastadas dos distritos e não tem conexão com a *internet* ou uma conexão muito precária. Nas aulas, o professor trabalhou a pronúncia usando os símbolos do IPA e também conscientizando os alunos de sons diferentes dos da língua portuguesa presente no inglês e também as semelhanças. O professor utilizou músicas e vídeos como *input* auditivo, assim como sua própria pronúncia. Foi feito um anúncio no grupo de *Whatsapp* que tem alunos das duas turmas e 17 alunos que acompanham as aulas ao vivo pela internet responderam ao questionário.

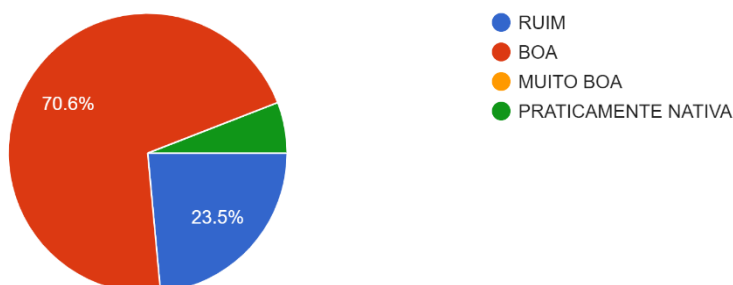
O questionário consistia em 6 questões sobre o ensino de pronúncia na escola, sendo 3 questões fechadas e 3 abertas, conforme mostra o Apêndice A. O questionário foi convertido para um formato digital no *Google Forms*. Foi criado um *link* e enviado aos alunos que voluntariamente se ofereceram para participar da pesquisa.

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário foi aplicado em agosto de 2021 via *Google Forms* e 17 alunos responderam. No questionário havia seis questões sobre pronúncia e sua importância para a aprendizagem de língua inglesa, conforme mostra o Apêndice.

Na questão 1, perguntamos aos alunos sobre a percepção deles em relação a sua própria pronúncia. O quadro a seguir sintetiza os resultados obtidos:

Figura 01 – Questão 01: Você considera sua pronúncia em língua inglesa:



Fonte: Elaboração própria

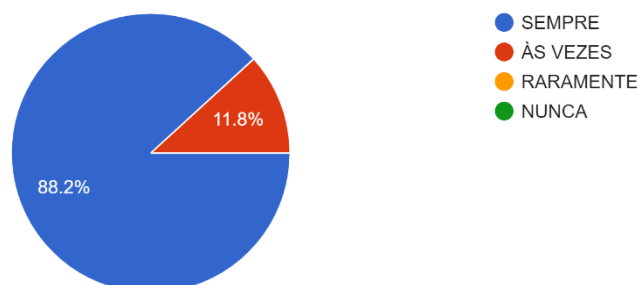
Observamos que 70,6% dos que responderam à pesquisa consideram sua pronúncia “boa”. Apenas um aluno considerou a sua pronúncia praticamente nativa e 23,5% dos que responderam o questionário a considera “ruim”. Dado o contexto das aulas de noções de fonética que os alunos tiveram, isso demonstra o quanto essas aulas ajudaram a ter uma consciência fonética, até mesmo os fazendo se sentir mais confortáveis com a sua pronúncia, não a considerando ruim.

Conforme vimos, é necessário ativar no aluno uma “consciência fonética”, que o fará perceber os diferentes sons da língua inglesa e sua articulação (SOUZA, 2009). Ao perceber as diferenças e semelhanças fonéticas entre os dois idiomas, português e inglês, o aluno obterá melhor domínio da pronúncia da língua inglesa e se sentirá mais confortável com a sua própria pronúncia, considerando-a o suficiente para uma boa comunicação. Tal abordagem da pronúncia de forma direta, também explicando o motivo de se estudar pronúncia, que não é necessário soar como um falante nativo, apenas se comunicar de forma compreensível, também ajuda os alunos a se sentirem confortáveis com sua própria pronúncia.

Na questão 02, analisemos a resposta dos alunos sobre as suas aulas de inglês com o seu professor. O professor em questão ensina a pronúncia através de símbolos fonéticos e recursos de áudio e vídeo. Antes de qualquer outro assunto, no início do ano letivo, o professor trabalhou a pronúncia com a ajuda dos símbolos do IPA já nas suas primeiras

aulas, reforçando o conteúdo em aulas posteriores. Analisemos a impressão dos alunos sobre essas aulas.

Figura 02 – Frequência com que o professor ensina/aborda em sala de aula de inglês



Fonte: Elaboração própria

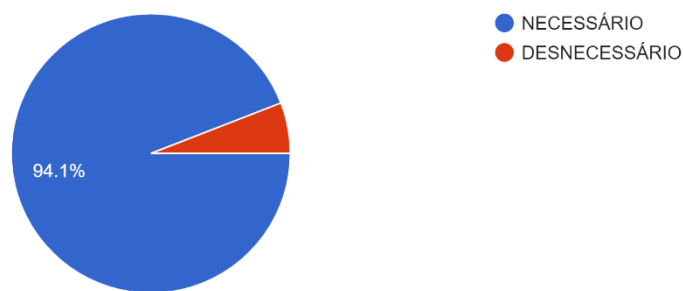
Constatamos que 88% dos alunos percebem que o professor aborda ou ensina a pronúncia “sempre”. Nenhum dos alunos escolheu a opção “nunca” ou “raramente”. Cerca de 12% dos estudantes indicaram a alternativa “às vezes”. Levando em consideração a abordagem do professor, com a utilização de recursos de áudio e vídeo e sempre trazendo à atenção dos alunos aspectos sobre a pronúncia nas suas aulas, a maioria dos estudantes considerou que ele aborda o assunto sempre.

Notamos que o professor em questão trabalhou a pronúncia com frequência, isso se dá porque ele tem noções de fonética, está familiarizado com o IPA e entende a importância de se abordar o assunto em suas aulas. Essa situação, infelizmente, não é a realidade em muitas escolas, como discutimos. Boa parte dos professores ainda desconhece a fonética da língua inglesa e não aborda essa temática nas suas aulas.

É necessário, no entanto, não apenas o conhecimento do IPA e outros aspectos do ensino de pronúncia, mas também que o professor entenda a importância e necessidade do ensino de pronúncia nas suas aulas. Assim, ele vai se sentir motivado a abordar o assunto nas suas aulas.

Como o objetivo do nosso estudo foi conhecer os sentimentos, expectativas e percepções dos nossos alunos sobre o ensino de pronúncia na escola, a seguir, examinamos a questão 03 sobre o ensino de pronúncia:

Figura 03 – Percepção dos alunos sobre o ensino de pronúncia



Fonte: Elaboração própria

A maioria respondeu que considera o ensino de pronúncia necessário, totalizando 94.1%. Entre as justificativas que alguns deram para considerar o ensino de pronúncia necessário, temos respostas como “torna-se mais fácil aprender”, ‘as pessoas poderiam não nos entender por causa do sotaque’, ‘é importante para se comunicar com pessoas que não falam a nossa língua’. “porque inglês é a língua mais influente do mundo”. Essas respostas mostram que os alunos têm interesse na questão da pronúncia e sabem que é necessário ter uma boa pronúncia para serem entendidos por outros falantes de língua inglesa. É indubitável, portanto, que é de interesse da maioria dos alunos estudar pronúncia especificamente.

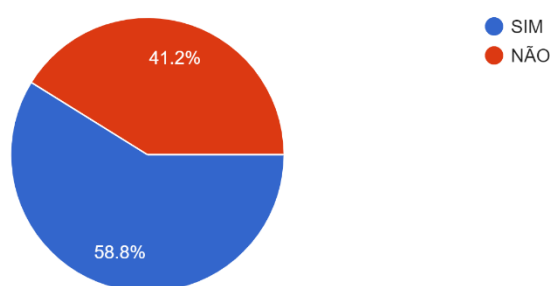
Os próprios alunos entendem a questão da pronúncia e querem aprender. Como a língua inglesa soa bem diferente da língua portuguesa e possui alguns fonemas bem distintos, ela soa complexa e difícil para o aluno iniciante, aquele que teve um contato muito breve e superficial com a língua, talvez apenas nas aulas do Ensino Fundamental. De modo que o trabalho consciente em pronúncia, mostrando as semelhanças e diferenças fonéticas entre os idiomas português e inglês, mostrando a pronúncia com símbolos fonéticos, ajudando o aluno até mesmo visualizar como uma palavra é pronunciada, lhe dá a sensação de que “torna-se mais fácil aprender”, como comentou um aluno nesta pesquisa.

Os alunos estão conscientes das suas dificuldades, como, por exemplo, a disparidade entre a pronúncia de língua inglesa e sua ortografia, o que dificulta para o aluno de língua portuguesa, cuja ortografia é bastante relacionada com a sua pronúncia. Eles também estão conscientes de que há outros sons (fonemas) envolvidos, embora não

saibam dizer exatamente quais. Por esses motivos, eles entendem a necessidade do ensino de pronúncia nas suas aulas.

A questão 04 nos ajuda a compreender o interesse dos alunos no estudo de pronúncia. Nessa questão, o aluno é indagado acerca do uso outros recursos, além daqueles utilizados pelo professor nas aulas, para aprender melhor a pronúncia da língua inglesa.

Figura 04 – A utilização de recursos para que o professor não seja o único modelo de pronúncia para o aluno



Fonte: Elaboração própria

Observamos que a maioria busca outras formas de aprender pronúncia, evidenciando assim ainda mais o seu interesse pelo assunto. Quase 60% respondeu que utiliza outro recurso, além das aulas com o professor, para aprender sobre pronúncia. Outros recursos citados pelos alunos na pesquisa foram “músicas internacionais”, “Google Tradutor”, “filmes legendados” e “vídeo-aulas”.

Conforme analisamos anteriormente, a língua inglesa já está inserida na vida do aluno, no seu cotidiano. Ele está exposto, se preferir, a uma enorme quantidade de músicas, livros e filmes em língua inglesa. Os que têm interesse em estudar melhor a pronúncia se utiliza dos métodos facilmente disponíveis na palma da sua mão, por meio de seus *smartphones*, onde eles podem procurar na internet formas de ter um *input* da pronúncia de língua inglesa. Isso mostra o quanto é ainda mais prático nos nossos dias ensinar pronúncia, pois podemos utilizar dos recursos que o aluno tem disponível no seu bolso a todo tempo.

Observamos que a maioria busca outras formas de aprender pronúncia, evidenciando assim ainda mais o seu interesse pelo assunto. Quase 60% respondeu que

utiliza outro recurso, além das aulas com o professor, para aprender sobre pronúncia. Outros recursos citados pelos alunos na pesquisa foram, entre outros, “músicas internacionais”, “Google Tradutor”, “filmes legendados” e “vídeo-aulas”.

Na questão 5, temos mais detalhes sobre isso, pois ela pergunta “quando e como” o professor aborda o assunto. Observemos a resposta a essa pergunta no quadro a seguir.

Questão 05: Quando e como seu/sua professor/a já abordou pronúncia na sala de aula

Aluno 1	Em todas as suas aulas e todas os dias que temos a matéria de inglês, sempre escutamos ou falamos junto com ele
Aluno 2	Ensinou em várias aulas, por músicas, textos...
Aluno 3	Ao entrar na sala de aula ele já começa a pronunciar
Aluno 4	Sempre, na chegada, durante a aula e na saída
Aluno 5	Principalmente a partir da ferramenta de áudios
Aluno 6	Nas atividades

Fonte: Elaboração própria

Para nossa análise, utilizamos somente as respostas mais específicas.

Passemos agora para a questão 06, que foca na experiência dos alunos sobre essas aulas de pronúncia. No quadro a seguir, temos as respostas dos alunos, omitindo aquelas que não responderam à pergunta diretamente. Resumimos algumas respostas para melhor visualização dos dados.

Figura 06: Se o seu professor de inglês já ensinou/abordou pronúncia em sala de aula, como foi sua experiência?

Aluno 1	Ótima
Aluno 2	Muito boa
Aluno 3	Uma experiência muito produtiva
Aluno 4	Normal
Aluno 5	Ótima

Aluno 6	Interessante
Aluno 7	Boa
Aluno 8	Boa
Aluno 9	Boa
Aluno 10	Muito boa
Aluno 11	Mais ou menos
Aluno 12	Muito boa
Aluno 13	Bom
Aluno 14	Razoável
Aluno 15	Boa

Fonte: Elaboração própria

A partir dessas respostas, podemos concluir que os alunos aprovam e gostam de aulas sobre pronúncia, pois a experiência para eles é, no mínimo, “boa”. Apenas um aluno respondeu que a experiência foi “mais ou menos”.

Como podemos observar, a grande maioria teve uma experiência agradável na aprendizagem. Podemos depreender disso que o ensino de fonética não precisa ser monótono ou cansativo, a experiência pode ser agradável para o aluno, gerando nele o interesse, que o vai motivar a buscar mais informações e conseqüentemente o ajudar a ter uma pronúncia melhor.

Este estudo demonstrou que (1) quase todos os alunos consideram o ensino de pronúncia necessário, (2) mais da metade dos alunos estão tão interessados em pronúncia ao ponto de procurarem outros recursos para aprendê-la, (3) a experiência de aprender pronúncia não é considerada chata ou desagradável e (4), o estudo de pronúncia faz o aluno se sentir mais confortável com sua própria pronúncia. Portanto, o ensino de pronúncia é aceito e valorizado pelo aluno, sendo uma responsabilidade nossa como professores ajudá-lo no desenvolvimento desta habilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o papel do ensino de fonética da língua inglesa para estudantes brasileiros do ensino médio de uma escola pública, conforme mencionado anteriormente. Para isso, delineamos como objetivos específicos os seguintes: a) descrever os métodos de ensino de língua estrangeira, relacionando-os

com o ensino de pronúncia; b) discutir sobre o papel do ensino de pronúncia como auxiliar no processo de aprendizagem de língua inglesa; c) apontar as dificuldades de pronúncia na aprendizagem de língua inglesa para brasileiros.

Neste sentido, discutimos a história do ensino de pronúncia de língua inglesa, desde o final do século XIX e como esse ensino foi implementado nos diferentes métodos de ensino que se desenvolveram nos séculos XX e no presente. Abordamos também o papel do ensino de pronúncia na aprendizagem de língua inglesa se comportou como pêndulo, hora sendo considerado fundamental e tendo proeminência, hora sendo considerado desnecessário e sendo completamente desconsiderado. Vimos o papel que o ensino de pronúncia no ensino de língua inglesa tem e como ele não deve ser desconsiderado nas aulas. Acrescenta-se a isso, a discussão sobre as dificuldades que os alunos brasileiros de língua inglesa têm no aprendizado desta, e como o ensino de pronúncia poderia ser útil no seu aprendizado.

Em relação aos métodos, identificamos e descrevemos o impacto dos seguintes métodos para o ensino de pronúncia: gramática-tradução, método direto, métodos naturalísticos, método audiolingual, abordagem cognitiva, método silencioso e abordagem comunicativa.

Ao longo do tempo, desde a criação do IPA, vários métodos deram importância ao ensino de pronúncia, mas muitos desses métodos, como os métodos naturalísticos, só ensinavam pronúncia através de ouvir e repetir a pronúncia de nativos. Acreditava-se que assim os alunos teriam uma boa pronúncia por ouvir bastante a língua estrangeira e repetir sons e palavras. No entanto, o que esses métodos não levavam em conta é que temos uma forte interferência da nossa língua mãe ao aprendermos um novo idioma, e até mesmo ouvimos “errado”, pois estamos tão automatizados para nossa língua nativa, que nem percebemos sons diferentes em outros idiomas, nem os distinguimos como sons diferentes, os entendemos como se fossem sons do nosso próprio idioma.

Quanto ao papel do ensino de pronúncia como auxiliar no processo de aprendizagem de língua inglesa, a pesquisa que realizamos nos indicou que os alunos têm interesse no aprendizado da pronúncia. Esses alunos destacaram a importância da pronúncia, demonstrando que procuravam conhecer outros modelos de pronúncia, além do modelo trazidos pelo professor. A pesquisa também indicou que os alunos gostam de aprender pronúncia e quando eles têm aulas que enfatizam a pronúncia; isso faz com que eles se sentem mais à vontade com sua própria pronúncia, considerando-a boa.

Alguns críticos do ensino de pronúncia no ensino de língua estrangeira têm argumentado que tal instrução é desnecessária, visto que não é possível ou é extremamente difícil, depois de adulto, aprender um novo idioma sem sotaque estrangeiro. No entanto, o que o ensino de pronúncia busca alcançar não é uma pronúncia perfeita, sem sotaque, mas uma pronúncia correta, inteligível, fácil de entender.

O ensino de noções de fonética-fonologia, usando recursos como o IPA são necessários e importantes no ensino de língua inglesa. Tal ensino não pode ser desconsiderado. Se o desconsiderarmos, nossos alunos desenvolverão pronúncias “erradas”, com forte sotaque, o que os fará ininteligíveis para falantes nativos de inglês. O objetivo da Abordagem Comunicativa, a mais usada hoje em dia no ensino de língua inglesa (e estrangeira, em geral) tem como central a importância de comunicar em outra língua. Em outras palavras, como o estudante de inglês como língua estrangeira, com forte sotaque ou vários “desvios” de pronúncia, vai conseguir se comunicar bem com falantes nativos de inglês se não tem uma orientação em relação à pronúncia inteligível. Por esse motivo, não podemos deixar o aluno sem nenhuma instrução quanto a isso.

A instrução fonética explícita, como o uso do IPA é necessária. O estudante tem que ter uma “consciência fonológica”, de que há sons diferentes na língua inglesa, de que a articulação dos sons exige um pouco mais de esforço para se ter uma boa pronúncia, de que a ortografia difere muito da forma falada, e que eles não devem ler as palavras em inglês como se fossem palavras em português, apesar de o mesmo alfabeto ser usado nos dois idiomas. Essa “consciência fonológica” só se é alcançada com uma explicação dos fonemas em língua inglesa, articulação, ritmo e acentuação, através de estudos de fonética e fonologia. O estudo fonético-fonológico não precisa ser profundo e complicado. Precisamos apenas dar noções aos nossos alunos dos fonemas diferentes em língua inglesa, usando recursos como o IPA e dar a eles outras noções fonológicas, como acentuação e ritmo.

Temos que nos certificar de que nós mesmos temos uma pronúncia inteligível, próxima (não necessariamente idêntica) a dos falantes nativos, sem forte sotaque, para sermos exemplos para nossos alunos. Infelizmente, no âmbito das escolas públicas brasileiras, muitos professores de inglês têm muita dificuldade com a pronúncia da língua inglesa, sendo inseguros quanto à sua própria pronúncia, não tendo nenhum conhecimento de fonética e fonologia desse idioma. É preciso mudar essa realidade de nossas escolas públicas, formar professores mais capacitados a ensinar pronúncia para

que possam auxiliar seus alunos, para que esses estudantes sejam capazes de se comunicar bem em inglês, sem os entraves que a pronúncia com forte sotaque pode causar.

Este trabalho nos mostrou a relevância do ensino de pronúncia. No entanto, precisamos saber como exatamente podemos criar aulas de pronúncia, como deve ser a estrutura de uma aula de pronúncia, os métodos que podemos usar, além do IPA.

Um estudo com um grupo maior de estudantes, de diferentes escolas, em diferentes cidades, seria interessante para ter uma percepção maior do impacto do ensino de pronúncia no ensino médio, ampliando os resultados deste estudo.

REFERÊNCIAS

ALBINI, Andressa B.; KLUGE, Denise. Professores de inglês da rede pública paranaense e o ensino da pronúncia. **Revista de Letras**, Curitiba, n. 14, 2011.
BRITISH COUNCIL. **English in Brazil An examination of policy, perceptions and influencing factors**. Londres: 2015.

DIAS JÚNIOR; SILVA. **Prática de pronúncia na escola pública: “Consonant Sounds” no Ensino Fundamental**. Campina Grande: UFCG, 2015.

LAMPRECHT, Regina Ritter; FRAGOZO, Carina Silva. O ensino explícito e comunicativo de pronúncia de le: caminhos para a consciência fonético-fonológica. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 49-56, jan/jun, 2009.

OLIVEIRA, Caio Frederico Lima Correia Novais de. **A influência da ortografia na percepção e produção do inglês como língua estrangeira**. 2015. Tese de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista – Araraquara, 2015.

PAULA, Luciane Guimarães. O ensino da pronúncia do inglês e a abordagem comunicativa. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.153-163, julho 2010.

RAMOS, Paulo Roberto de Souza. **Considerações sobre o ensino de pronúncia do inglês como língua internacional a falantes do português brasileiro**. In: **X SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – SEPESQ**, nº 10, 2014. Porto Alegre: Uniritter, 2014.

SANTOS, Rosana de Oliveira Prado dos. Ensino da língua inglesa: pronúncia e ortografia na sala de aula. **Anais do ENIC**, n.1, 2009

SILVA JUNIOR, Leônidas. **A importância da pronúncia no curso de letras: um enfoque na oralidade**. In: **IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, nº 4, 2017. Campina Grande. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

_____. Acento e ritmo: aspectos fonético-prosódicos no ensino de inglês como L2. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 15, n. 2, p. 34-44, 2015.

SOUZA, Marcela Ortiz Pagoto de. A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira. **Revista Protolíngua**, v. 2, n.1, p. 33-43, 2009.

SOUZA. Considerações sobre o processo de ensino/aprendizagem de pronúncia em língua inglesa. **Brasil Escola**. Disponível em: <
<https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/ingles/consideracoes-sobre-processo-ensino-aprendizagem-pronuncia-.htm>> Acesso em 23 de Set 2021.

TREVISOL, Juliane Regina. As fricativas interdentais do inglês e seus substitutos em diferentes L1s. **Revista X**, Curitiba, v. 1, n. 0, p. 80-88, 2014.

YOSHIDA, Marla Tritch. **Understanding and Teaching the Pronunciation of English. LIVRO DIGITAL**

APÊNDICE

Questionário sobre pronúncia

1 - Você considera sua pronúncia em língua inglesa:

() ruim () boa () muito boa () praticamente nativa.

2 - Com que frequência seu professor ensina/aborda pronúncia em sala de aula de inglês?

() Sempre () às vezes () raramente () nunca.

3 - Você considera o ensino de pronúncia: () necessário () desnecessário. Justifique sua resposta. _____

4 - Você utiliza algum recurso para que professor não seja o único modelo de pronúncia para você? () Sim () Não Quais? _____

5 - Quando e como seu/sua professor/a já abordou pronúncia na sala de aula?

6 - Se o seu professor de inglês já ensinou/abordou pronúncia em sala de aula, como foi sua experiência? _____